

O IMAGINÁRIO QUE DENUNCIA: LENDAS AMAZÔNICAS, DIALOGISMO E FORMAÇÃO CRÍTICA POR MEIO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA NO 9º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE PARINTINS

THE IMAGINARY THAT DENOUNCES: AMAZONIAN LEGENDS, DIALOGISM, AND CRITICAL DEVELOPMENT THROUGH A DIDACTIC SEQUENCE IN THE 9TH GRADE OF A PUBLIC SCHOOL IN PARINTINS

Elton Gonçalves dos Santos¹

Edinelza Macedo Ribeiro²

Resumo: Esta pesquisa analisa de que maneira uma sequência didática baseada nas lendas amazônicas do Boto e do Curupira possibilita a resignificação dessas narrativas por estudantes do 9º ano de uma escola pública de Parintins, Amazonas. O estudo adota abordagem qualitativa e foi desenvolvido por meio de uma intervenção pedagógica organizada em etapas de mobilização de conhecimentos prévios, leitura, discussão, problematização, produção de microcontos e socialização. O corpus foi constituído pelas produções textuais dos estudantes, pelos cartazes elaborados pelos grupos e pelos registros das atividades. A análise concentrou-se nas relações estabelecidas entre os elementos das narrativas tradicionais e questões sociais e ambientais presentes nas produções. Os resultados demonstram que os estudantes preservaram personagens e aspectos reconhecíveis das lendas, mas deslocaram seus conflitos para problemas contemporâneos. No caso do Boto, destacaram-se abandono paterno, responsabilidade familiar e pensão alimentícia; no caso do Curupira, queimadas, desmatamento e preservação ambiental. Conclui-se que a sequência didática favoreceu a leitura ativa, a produção de

1 Discente do curso de Letras – Língua Portuguesa do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas.

2 Doutora em Desenvolvimento Sustentável Universidade de Brasília (UnB), professora do curso de Letras do CESP-UEA.

novos sentidos e a aproximação entre literatura amazônica, cultura local e experiência dos estudantes.

Palavras-chave: lendas amazônicas; dialogismo; letramento literário; sequência didática; ensino de literatura.

Abstract: From the perspective of understanding that a territory can possess enormous potential in cultural products, without these acquiring a form of cultural resources suitable for promotion by tourism promoters and use by visitors with cultural interests, the importance of valuing existing resources is highlighted. In this context, fishing tourism has been one of the tourism segments gaining strength. This article aims to show the potential of the São José do Paraná do Espírito Santo de Cima community as a way to promote fishing tourism and the conservation of natural and cultural heritage. This community is located in the rural area of the municipality of Parintins and falls within the Nhamundá Environmental Protection Area. This is an environmental conservation unit that aims to protect natural and cultural heritage. The community has two types of ecosystems, one of terra firme and the other of floodplain area. The research is characterized as qualitative in nature. According to Minayo (2001), this type of research works with the universe of meanings, motives, beliefs, values, and attitudes, which corresponds to a more in-depth understanding of relationships, processes, and phenomena, contributing to the operationalization of variables. With the successful results of the research, demonstrating the community's potential for promoting fishing tourism and the conservation of natural and cultural heritage, it was possible to identify potential attractions, such as the existence of favorable conditions for fishing tourism due to the diversity of fish in the area. The community also participates in the Pé-de-Pincha Project. The region also boasts a diversity of birds and the community's traditional knowledge, which constitute an important source of cultural richness. From this identification, it was possible to describe the attractions and analyze and discuss the community's potential. The existence of tourism potential was confirmed; however, for the activity to be developed, community organization is necessary, especially regarding its structure and capacity building for

providing tourism services.

Keywords: Fishing tourism; Natural heritage; Cultural heritage.

Introdução

As lendas amazônicas constituem importantes manifestações do imaginário e da cultura da região, mantendo-se presentes nas narrativas, nas memórias e nas práticas de diferentes comunidades. No contexto amazônico, essas narrativas não se restringem ao universo do fantástico, pois também participam da maneira como sujeitos e comunidades interpretam sua relação com a natureza, com a coletividade e com diferentes acontecimentos de sua realidade. No espaço escolar, trabalhar com essas narrativas pode contribuir para aproximar o ensino de literatura das experiências culturais dos estudantes, especialmente quando os textos são tomados como possibilidades de leitura, interpretação e produção de novos sentidos.

Em Parintins, município marcado pela presença de manifestações culturais e por diferentes formas de expressão do imaginário amazônico, as lendas fazem parte de um repertório cultural próximo dos estudantes. Entre essas narrativas, destacam-se as lendas do Boto e do Curupira, personagens que permanecem presentes no imaginário regional e que possibilitam diferentes formas de interpretação. A primeira está relacionada, em sua versão tradicional, ao encantamento, à sedução e à gravidez de mulheres; a segunda apresenta o Curupira como uma figura associada à proteção da floresta e dos animais. Quando inseridas em uma prática de leitura e produção textual, essas narrativas podem ser retomadas pelos estudantes e ressignificadas a partir de questões presentes em seu próprio contexto.

É nesse movimento entre tradição e realidade que se situa a presente pesquisa. Parte-se da compreensão de que a leitura literária não precisa permanecer limitada à identificação dos elementos de uma narrativa, mas pode possibilitar ao leitor estabelecer relações entre o texto, seus conhecimentos e as experiências que constituem seu cotidiano. Nesse sentido, a leitura das lendas amazônicas foi

articulada a uma proposta de produção textual na qual os estudantes foram convidados a reelaborar as narrativas e a deslocar seus conflitos para situações contemporâneas. A proposta buscou, portanto, compreender de que maneira o imaginário amazônico poderia ser mobilizado pelos próprios estudantes para produzir novos sentidos sobre questões sociais e ambientais.

A realização desta proposta de trabalho surgiu a partir das discussões e experiências desenvolvidas no componente curricular Didática Aplicada aos Estudos da Língua Portuguesa, no curso de Letras – Língua Portuguesa do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP-UEA. As reflexões realizadas durante as aulas possibilitaram compreender a importância de superar práticas predominantemente transmissivas e de buscar estratégias metodológicas que favoreçam a participação ativa dos estudantes, a construção coletiva do conhecimento e a articulação entre os conteúdos escolares e as experiências socioculturais dos alunos.

Nesse contexto, optou-se em trabalhar sequência didática como estratégias de metodologias ativas as quais constituíram um importante fundamento para a elaboração da proposta, por possibilitarem que os estudantes assumissem uma posição mais participativa no processo de aprendizagem, envolvendo-se na leitura, interpretação, discussão e produção de textos. A partir dessa perspectiva, optou-se pela realização de uma oficina pedagógica que articulasse o ensino de Língua Portuguesa à literatura e à cultura amazônica, valorizando os conhecimentos e as narrativas presentes no contexto sociocultural dos estudantes.

A pesquisa foi desenvolvida com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Parintins, Amazonas. A atividade foi organizada por meio de uma sequência didática intitulada “O imaginário que denuncia: uma sequência didática sobre lendas amazônicas no 9º ano de uma escola de Parintins”. A sequência didática apresenta características metodológicas que organizam o processo de ensino e aprendizagem de forma planejada, progressiva e articulada, especialmente quando se trabalha com gêneros textuais tendo como base as proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). A natureza da abordagem metodológica da sequência didática pode ser caracterizada como qualitativa, interventiva, participativa e processual, especialmente quando aplicada ao ensino de

Língua Portuguesa e Literatura, pois permite articular leitura, interpretação, oralidade, escrita, cultura e reflexão crítica em torno de um objeto de aprendizagem comum.

Diante desse contexto, o objetivo geral da pesquisa consiste em analisar de que maneira uma sequência didática fundamentada nas lendas do Boto e do Curupira pode favorecer a ressignificação dessas narrativas por estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, considerando as relações estabelecidas entre o imaginário amazônico e questões de natureza social e ambiental.

Para alcançar esse propósito, definem-se como objetivos específicos: a) analisar como os estudantes interpretam elementos simbólicos e narrativos presentes nas lendas do Boto e do Curupira ao longo das atividades de leitura, interpretação e discussão; b) identificar as questões sociais e ambientais suscitadas e mobilizadas pelos estudantes em suas produções textuais; c) compreender de que maneira os estudantes reelaboram e ressignificam elementos das narrativas tradicionais na produção de microcontos; e d) discutir as contribuições e possibilidades da sequência didática para o desenvolvimento de práticas de leitura, interpretação e produção textual, articuladas à valorização do imaginário amazônico e à reflexão sobre questões sociais e ambientais no contexto escolar.

A partir dessa experiência, formulou-se o seguinte problema de pesquisa: De que maneira uma sequência didática fundamentada nas lendas amazônicas do Boto e do Curupira pode possibilitar aos estudantes do 9º ano a ressignificação dessas narrativas, estabelecendo relações entre o imaginário amazônico e as questões sociais e ambientais presentes em seu contexto?

A relevância da pesquisa está relacionada à possibilidade de aproximar o ensino de literatura das manifestações culturais presentes no espaço amazônico e, ao mesmo tempo, reconhecer os estudantes como sujeitos capazes de interpretar e transformar as narrativas com as quais entram em contato. O trabalho com as lendas do Boto e do Curupira permite ainda observar como uma narrativa pertencente à tradição pode adquirir novos sentidos quando é retomada em outro contexto histórico e social. Assim, a pesquisa contribui para pensar práticas de ensino de literatura que valorizem a cultura amazônica e favoreçam a participação dos estudantes na construção de sentidos.

Fundamentação teórica

Lendas amazônicas

As lendas constituem formas narrativas por meio das quais diferentes comunidades elaboram, preservam e compartilham conhecimentos, crenças e modos de compreender o mundo. No contexto amazônico, essas narrativas estão relacionadas à experiência histórica e cultural das comunidades indígenas e ribeirinhas e apresentam personagens, acontecimentos e espaços que integram o imaginário regional. Por essa razão, o trabalho com lendas nas escolas pode contribuir não apenas para o contato com manifestações da cultura local, mas também para a compreensão das formas pelas quais uma comunidade atribui sentidos à sua realidade.

Cascudo (2006) compreende a literatura oral como um conjunto de manifestações transmitidas e recriadas no interior das comunidades, considerando a oralidade como espaço de circulação de histórias, costumes e crenças. Nessa perspectiva, as narrativas tradicionais não permanecem necessariamente estáticas. Sua transmissão envolve processos de transformação, uma vez que cada contexto de circulação pode incorporar novas formas de narrar e interpretar aquilo que foi recebido da tradição.

No contexto amazônico, a oralidade assume uma importância ainda maior diante da diversidade de povos, comunidades tradicionais e grupos que historicamente transmitem conhecimentos de geração em geração por meio da palavra falada. As narrativas relacionadas à floresta, aos rios, aos animais e aos seres encantados articulam elementos da experiência cotidiana e da dimensão imaginária. Loureiro (2015), ao discutir a cultura amazônica, destaca a importância do imaginário na constituição de uma experiência cultural marcada pela relação entre homem, natureza, mito e poesia. Nessa perspectiva, o imaginário ultrapassa a ideia de simples oposição à realidade, constituindo-se como um modo de interpretá-la, ressignificá-la e produzir sentidos a partir dela.

As lendas do Boto e do Curupira exemplificam esse funcionamento do imaginário amazônico. O Boto é tradicionalmente associado à figura de um ser encantado que assume forma humana e

estabelece relações com mulheres, enquanto o Curupira aparece como uma figura vinculada à proteção da floresta e dos animais. Ao serem levadas para o espaço escolar, essas narrativas podem ser compreendidas tanto como manifestações da tradição quanto como textos capazes de provocar novas interpretações.

É justamente nessa possibilidade de atualização que se concentra o interesse desta pesquisa. A tradição não é apresentada aos estudantes como um conjunto de histórias que deve ser apenas memorizado. As narrativas são colocadas em circulação para que os leitores possam interpretá-las, questioná-las e produzir novas versões. Assim, o contato com o imaginário amazônico passa a constituir também uma experiência de leitura e produção de sentidos.

Dialogismo

A compreensão das produções realizadas pelos estudantes também exige considerar que os sentidos de um texto não são produzidos de maneira isolada. Toda produção discursiva estabelece relações com outros discursos, experiências e posições sociais. É nesse sentido que o conceito de dialogismo, desenvolvido por Bakhtin, contribui para compreender o movimento realizado pelos estudantes durante a oficina.

Para Bakhtin (2003), os enunciados são produzidos em contextos de interação, relacionando-se e respondendo a enunciados anteriores. A linguagem, portanto, constitui-se na relação entre diferentes vozes e sujeitos. O sentido não está encerrado em uma única manifestação discursiva, mas se constrói no processo de interação. Essa perspectiva permite compreender as produções dos estudantes como respostas às narrativas tradicionais trabalhadas durante a oficina. As lendas constituíram o ponto de partida, mas os estudantes não se limitaram a reproduzir seus acontecimentos. Ao retomarem os personagens e conflitos, estabeleceram semelhanças com outros discursos presentes em seus cotidianos.

O Boto, por exemplo, foi deslocado do universo tradicional do encantamento para uma

situação relacionada à responsabilidade paterna e ao pagamento de pensão alimentícia, aproximando a narrativa de questões familiares e jurídicas presentes na sociedade contemporânea. O Curupira, por sua vez, foi relacionado às queimadas, ao desmatamento e à responsabilidade pela preservação da natureza, articulando sua representação mítica como protetor da floresta às discussões atuais sobre os impactos ambientais na Amazônia. Essas ressignificações mostram como os estudantes incorporaram às narrativas elementos de diferentes discursos sociais, atualizando personagens tradicionais a partir de problemas presentes em seu cotidiano e atribuindo às lendas novas possibilidades de interpretação e reflexão.

Nesse processo, a produção textual pode ser compreendida como uma resposta às questões que ocorrem na sociedade amazonense e que ainda, são temas considerados tabus e silenciados. Os estudantes receberam uma narrativa, discutiram seus sentidos e produziram novos enunciados a partir dela. A leitura, portanto, não terminou na interpretação do texto original: ela continuou na elaboração de outras narrativas.

Letramento literário

A leitura literária no espaço escolar pode assumir diferentes formas. Quando o trabalho com literatura se limita à identificação de informações sobre autores, períodos ou características de determinado gênero, reduz-se a possibilidade de que o estudante estabeleça uma relação efetiva com o texto. O letramento literário, por outro lado, envolve uma experiência na qual o leitor participa da construção dos sentidos da obra.

Cosson (2021) compreende o letramento literário como um processo de apropriação da literatura enquanto construção de sentidos. Essa perspectiva desloca o ensino de literatura de uma prática centrada exclusivamente na transmissão de conteúdo para uma prática que considera a participação do leitor. Essa concepção do autor aproxima-se dessa experiência vivenciada na oficina, pois os estudantes não foram colocados diante das lendas apenas para identificar personagens ou

acontecimentos. Ao longo das discussões sobre os textos, os participantes puderam compartilhar suas interpretações e ressignificar os conteúdos lidos, transformando-os em novas narrativas.

Nesse sentido, o processo de letramento crítico torna-se particularmente significativo porque as lendas trabalhadas além de pertencerem ao repertório cultural amazônico foram espontaneamente direcionadas para refletirem sobre os problemas sociais.

Procedimentos metodológicos: sequência didática e ensino de literatura

A metodologia da sequência didática é especialmente importante nesse contexto porque permitiu organizar a oficina de forma planejada, progressiva e articulada, evitando que as atividades fossem realizadas de maneira isolada. Como a proposta estava direcionada para trabalhar com lendas amazônicas com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, a metodologia da sequência didática, conforme a proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), foi organizada de forma progressiva, partindo dos conhecimentos prévios dos estudantes e avançando para a leitura, análise, produção e circulação de novos textos. Desse modo, foram priorizadas as seguintes etapas, a saber:

Etapas	O que foi priorizado	Atividades propostas
1. Apresentação da situação	Contextualização do gênero lenda e sua relação com a cultura amazônica	Conversa inicial sobre lendas conhecidas pelos alunos; levantamento das narrativas presentes na comunidade; apresentação do projeto e do produto final
2. Produção inicial	Identificar o que os alunos já sabiam sobre o gênero e suas dificuldades.	Solicitar que escrevessem uma pequena lenda amazônica, a partir de uma narrativa conhecida ou imaginada.
3. Leitura e compreensão das lendas	Desenvolver estratégias de leitura e interpretação.	Identificação do tema, personagens, espaço, tempo e acontecimentos.

4. Análise das características do gênero	Compreender a organização e a linguagem da lenda.	Identificar estrutura narrativa, narrador, conflito, elementos fantásticos, marcas de oralidade, expressões regionais e valores culturais presentes nos textos.
5. Contextualização sociocultural	Relacionar a narrativa à realidade amazônica e à identidade cultural dos estudantes.	Discussão em grupo sobre memória, território, costumes, relação com a natureza e importância da tradição oral na comunidade.
6. Produção textual orientada	Desenvolver progressivamente a capacidade de produzir uma narrativa.	Planejamento da lenda: escolha do tema, personagens, espaço, conflito e desfecho; elaboração da primeira versão.
7. Revisão e reescrita	Desenvolver autonomia na avaliação e aprimoramento do próprio texto.	Revisão coletiva e individual de aspectos como coerência, coesão, pontuação, paragrafação, ortografia e características do gênero.
Produção final e circulação	Dar uma finalidade social à escrita.	Proposta da produção e da versão final: transformação das lendas em podcast, vídeo, e-book, mural digital, blog ou coletânea de lendas amazônicas.
9. Avaliação	Comparar os conhecimentos desenvolvidos ao longo da sequência.	Comparação entre a produção inicial e a final, considerando avanços na leitura, escrita, oralidade, compreensão do gênero e valorização da cultura amazônica.

Fonte: Elaboração dos autores (2026)

A sequência didática prioriza a compreensão dos processos de aprendizagem, das interpretações e das experiências dos estudantes, em vez de se concentrar apenas em resultados quantitativos. No trabalho com lendas amazônicas, por exemplo, interessa observar como os alunos interpretam as narrativas, relacionam seus elementos ao contexto sociocultural e produzem novos sentidos.

Quanto ao nível de aprofundamento, a pesquisa assume caráter descritivo e interpretativo, uma vez que busca descrever o desenvolvimento da intervenção pedagógica e interpretar os sentidos

construídos pelos participantes ao longo da oficina. No que se refere aos procedimentos técnicos de investigação, o estudo articula diferentes estratégias, incluindo a intervenção pedagógica, a observação das atividades realizadas, a análise documental das produções dos estudantes e a revisão bibliográfica dos referenciais teóricos que fundamentam a pesquisa.

A intervenção pedagógica foi desenvolvida por meio da oficina intitulada “O imaginário que denuncia: uma sequência didática sobre lendas amazônicas no 9º ano de uma escola de Parintins”. A proposta teve como finalidade aproximar a leitura literária das manifestações culturais presentes no contexto amazônico, favorecendo a reflexão sobre os sentidos sociais e ambientais presentes nas narrativas tradicionais e possibilitando aos estudantes a produção de novas narrativas a partir das lendas trabalhadas.

O universo da pesquisa foi constituído pela turma do 9º ano do Ensino Fundamental participante da oficina, tendo como recorte analítico as atividades realizadas e as produções elaboradas ao longo da intervenção. O corpus da pesquisa compreendeu, principalmente, os microcontos produzidos pelos estudantes a partir das lendas do Boto e do Curupira, além dos cartazes elaborados pelos grupos e dos registros produzidos durante o desenvolvimento das atividades. Em respeito aos princípios éticos da pesquisa e com o objetivo de preservar a identidade dos participantes, não foram utilizados os nomes dos estudantes na apresentação e na análise das produções.

A oficina foi estruturada em etapas articuladas e progressivas. Inicialmente, foram mobilizados os conhecimentos prévios dos estudantes acerca das lendas amazônicas, buscando identificar suas experiências, conhecimentos e interpretações sobre essas narrativas. Na sequência, realizou-se a leitura das lendas do Boto e do Curupira, acompanhada de discussões sobre seus personagens, conflitos, acontecimentos e significados construídos no interior das narrativas.

Posteriormente, foram desenvolvidas discussões coletivas com o propósito de estimular os estudantes a estabelecer relações entre os acontecimentos narrados nas lendas e situações presentes em seu contexto sociocultural. Nesse momento, o trabalho ultrapassou a compreensão dos elementos estritamente narrativos e passou a contemplar a problematização de questões sociais e ambientais

relacionadas às experiências vivenciadas no cotidiano.

Após esse momento de discussão e reflexão, os estudantes foram organizados em grupos para a produção de microcontos. A atividade propôs a retomada de elementos constitutivos das lendas tradicionais, especialmente personagens, conflitos e situações narrativas, para sua reelaboração em histórias situadas em contextos contemporâneos. Ao final, as produções foram socializadas com a turma e submetidas à discussão coletiva, possibilitando que os estudantes compartilhassem as interpretações e os sentidos construídos durante o processo de produção.

A análise dos dados concentrou-se nas relações estabelecidas pelos estudantes entre os elementos das narrativas tradicionais e as questões sociais e ambientais mobilizadas em suas produções. Para tanto, foram observadas recorrências temáticas e transformações realizadas nas narrativas, com atenção especial às questões relacionadas ao abandono e à responsabilidade paterna, às relações de gênero, à preservação ambiental e à responsabilidade humana diante da natureza.

O procedimento analítico considerou, portanto, não apenas os conteúdos temáticos presentes nos textos produzidos, mas também as formas pelas quais os estudantes ressignificaram personagens, acontecimentos e conflitos das narrativas tradicionais. Buscou-se compreender como os participantes se apropriaram das lendas do Boto e do Curupira e, a partir delas, construíram novas produções discursivas, articulando elementos do imaginário amazônico a questões sociais e ambientais de seu contexto.

Para fins de organização e preservação da identidade dos participantes, as produções analisadas neste artigo foram identificadas de acordo com os grupos constituídos durante a oficina. O “Grupo 1” foi responsável pela produção relacionada à lenda do Boto, enquanto o “Grupo 2” desenvolveu a produção relacionada à lenda do Curupira. Assim, os estudantes não são identificados individualmente, sendo as produções mencionadas ao longo da análise exclusivamente pela denominação dos respectivos grupos.

Resultados

A leitura da lenda do boto – Grupo 1

A leitura e a reescrita da lenda do Boto possibilitaram que os estudantes estabelecessem relações entre a narrativa tradicional e situações sociais reconhecidas em seu contexto. Nas produções analisadas, apareceram com recorrência questões relacionadas ao abandono paterno, à responsabilidade familiar, à gravidez e às relações de gênero. Esses elementos demonstram que os estudantes não permaneceram restritos aos acontecimentos fantásticos da narrativa, mas deslocaram seus conflitos para situações próximas de sua realidade.

Em uma das produções, o Grupo manteve elementos característicos da narrativa tradicional ao representar a gravidez da jovem como resultado de seu encontro com o boto. Em outra produção, entretanto, a narrativa foi reelaborada a partir de uma problemática social contemporânea: “Em um município chamado Parintins havia uma moça que foi abandonada grávida pelo pai da criança. O pai era um boto (...) Foi até seu pai cobrar a sua pensão, que já estava atrasada há 17 anos.”

O trecho evidencia um deslocamento significativo da narrativa tradicional. Embora a figura do boto permaneça presente, o conflito central deixa de estar concentrado no encantamento e passa a envolver a responsabilidade paterna. A gravidez, elemento recorrente na narrativa tradicional, é reinterpretada pelos estudantes a partir de uma situação concreta de abandono e cobrança de pensão alimentícia.

A escolha da expressão “pensão”, associada ao período de “17 anos” de atraso, aproxima a narrativa do universo social e jurídico contemporâneo. O personagem fantástico passa, assim, a ocupar uma posição diferente daquela assumida na narrativa tradicional: ele deixa de ser apenas o responsável pelo encantamento e passa a ser colocado diante de uma responsabilidade familiar.

Outro grupo apresentou uma resolução diferente para o conflito: “Ele pagou a pensão do filho e, em seguida, os dois fizeram as pazes.” Nesse caso, a produção apresenta uma solução para o problema construído anteriormente. O pagamento da pensão representa o reconhecimento da

responsabilidade paterna, enquanto a reconciliação entre os personagens produz um desfecho baseado na resolução do conflito familiar.

As duas produções demonstram diferentes formas de reelaboração da narrativa. Em uma delas, o conflito é construído a partir do abandono e da cobrança da responsabilidade paterna; na outra, a narrativa é conduzida para a resolução do problema. Em ambas, porém, permanece a relação entre a estrutura da lenda e uma problemática social contemporânea.

A leitura da lenda do curupira – Grupo 2

A produção realizada a partir da lenda do Curupira apresentou uma predominância de questões relacionadas à preservação ambiental. Os estudantes associaram a figura do personagem à proteção da floresta e dos animais e utilizaram elementos da narrativa para abordar problemas como queimadas e desmatamento.

Em uma das produções, essa associação aparece de maneira direta: “Depois de muito tempo, não se ouviu mais falar nos jornais sobre queimadas, porque o Curupira estava lá para combater as chamas e não deixar que elas se expandissem.”

Nesse trecho, o papel tradicional do Curupira como protetor da floresta é transportado para uma situação contemporânea marcada pelas queimadas. A narrativa estabelece uma relação entre o personagem mítico e um problema ambiental reconhecido socialmente.

A referência aos “jornais” também desloca a narrativa para um espaço de circulação contemporâneo. A ação do Curupira deixa de ocorrer apenas no espaço mítico da floresta e passa a ser relacionada a acontecimentos que fazem parte do cotidiano informativo da sociedade. O personagem tradicional é, assim, reelaborado para responder simbolicamente a um problema ambiental atual.

Outra produção apresenta uma perspectiva diferente: “Ela ficou muito decepcionada e voltou para casa, percebendo que, mais do que um mito, somos nós que devemos ser os verdadeiros defensores do meio ambiente.”

Nesse caso, ocorre uma mudança importante na função atribuída ao personagem. A preservação da natureza deixa de depender exclusivamente da intervenção do Curupira e passa a ser apresentada como responsabilidade humana. O personagem mítico funciona como ponto de partida para uma reflexão sobre a ação dos próprios sujeitos diante dos problemas ambientais.

A expressão “mais do que um mito” evidencia esse deslocamento. O Curupira continua presente na narrativa, mas sua função passa a ser relacionada à conscientização dos sujeitos. A produção estabelece, portanto, uma relação entre a proteção simbólica atribuída ao personagem e a responsabilidade concreta das pessoas pela preservação ambiental.

Outra produção apresenta o Curupira como protetor dos animais e da floresta: “O Curupira, vendo que ele realmente não queria fazer mal à floresta e aos animais, deixou-o ir embora e abriu um caminho para que voltasse para sua avó.” Nesse caso, a ação do personagem é condicionada à atitude humana diante da floresta. O respeito aos animais e à natureza torna-se critério para a intervenção do Curupira, reforçando a associação entre comportamento humano e preservação ambiental.

Produção dos estudantes e recorrências temáticas

A análise conjunta das produções demonstra que os estudantes participaram ativamente das diferentes etapas da oficina. Nas discussões, compartilharam interpretações, levantaram hipóteses e estabeleceram relações entre os acontecimentos das lendas e situações reconhecidas em seu cotidiano.

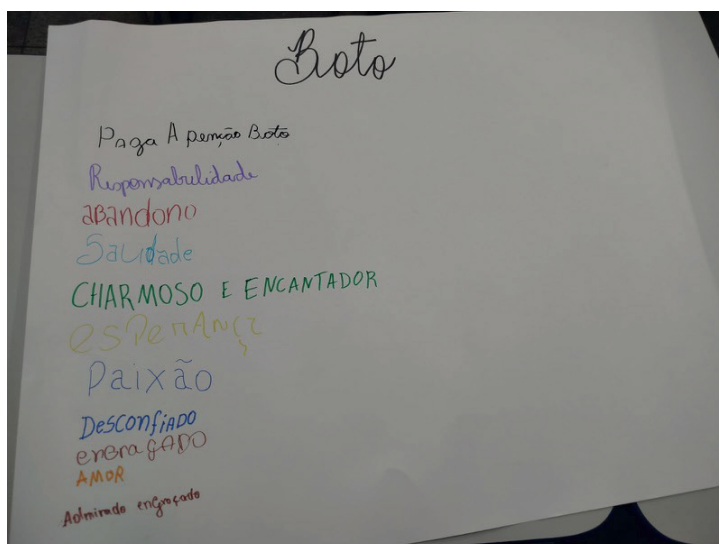
As produções escritas evidenciaram duas formas principais de reelaboração das narrativas. No caso do Boto, os estudantes deslocaram elementos da narrativa para questões relacionadas às relações familiares, especialmente abandono paterno, pensão alimentícia e responsabilidade. No caso do Curupira, a reelaboração concentrou-se em problemas ambientais, principalmente queimadas, proteção da floresta e defesa dos animais.

Esse movimento demonstra que os estudantes não apenas reproduziram as narrativas trabalhadas durante a oficina. Eles preservaram elementos reconhecíveis das lendas, como a (Figura

1) do Boto e a função protetora do Curupira (Figura 2), mas reorganizaram seus conflitos para abordar questões presentes em seu contexto social.

A recorrência desses elementos permite identificar uma característica central das produções: a permanência da tradição acompanhada de sua atualização. Os estudantes mantiveram referências reconhecíveis das lendas, mas atribuíram a elas novas funções dentro das narrativas produzidas.

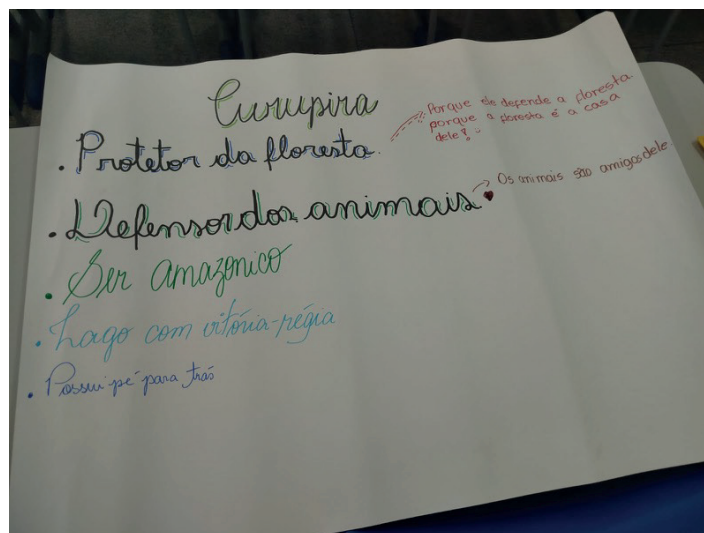
Figura 1: Produção do Grupo 1. A lenda do Boto



Fonte: Acervo da pesquisa (2026).

Os cartazes produzidos pelos grupos reforçaram esse processo. No grupo responsável pelo Boto, destacaram-se palavras relacionadas à responsabilidade paterna, ao abandono e à pensão alimentícia. No grupo do Curupira, sobressaíram expressões relacionadas à preservação ambiental, à proteção dos animais e à defesa da floresta.

Figura 2: Produção do Grupo 2. A lenda do Curupira



Fonte: Acervo da pesquisa (2026).

Esse processo constitui o principal resultado observado na oficina. O imaginário amazônico não foi abandonado quando os estudantes passaram a tratar de problemas sociais e ambientais. Ao contrário, foi justamente a permanência de seus personagens e elementos simbólicos que possibilitou a construção de novas narrativas e a aproximação entre literatura e realidade.

Discussão

Do imaginário à realidade: o dialogismo nas produções dos estudantes

Os resultados apresentados evidenciam que o trabalho com as lendas amazônicas possibilitou aos estudantes estabelecer relações entre as narrativas tradicionais e situações sociais e ambientais presentes em seu contexto. As produções não se limitaram à reprodução dos acontecimentos das lendas, mas apresentaram deslocamentos, atualizações e novas formas de significação dos personagens e conflitos.

As produções elaboradas a partir das lendas do Boto e do Curupira demonstram que os

estudantes estabeleceram relações diretas entre os discursos presentes nas narrativas tradicionais e outros discursos constitutivos de sua realidade. O Boto, originalmente associado ao universo do encantamento, foi reinterpretado a partir de questões sociais prementes, como o abandono paterno e a responsabilidade familiar. O Curupira, por sua vez, foi retomado enquanto personagem associado às queimadas, à proteção da floresta e à urgência da conscientização ambiental.

Essa relação entre diferentes discursos pode ser compreendida a partir da própria concepção de texto e enunciado fundada nos estudos de Bakhtin, conforme sintetiza Barros (1994):

O texto é considerado hoje tanto como objeto de significação, ou seja, como um ‘tecido’ organizado e estruturado, quanto como objeto de comunicação, ou melhor, objeto de uma cultura, cujo sentido depende, em suma, do contexto sociohistórico. Conciliam-se, nessa concepção de texto ou na ideia de enunciado de Bakhtin, abordagens externas e internas da linguagem. O texto-enunciado recupera estatuto pleno de objeto discursivo, social e histórico. (Barros, 1994, p. 1).

Nessa perspectiva, os enunciados estão inseridos em relações contínuas de interação e respondem a outros enunciados precedentes. Como destaca a mesma autora, quando o dialogismo é definido por Bakhtin como o modo de funcionamento do discurso e condição de existência da linguagem, ele “instala-se no interior do próprio enunciado. Cada texto constrói-se em resposta a outros textos, que o precederam e que a ele se seguirão” (Barros, 1994, p. 2).

Aplicada aos dados desta pesquisa, essa compreensão permite perceber que os microcontos funcionaram como respostas às lendas trabalhadas na oficina. Os estudantes partiram de personagens e situações já conhecidos, mas os fizeram circular em outros campos de sentido. A narrativa do Boto passou a dialogar com o discurso social sobre responsabilidade paterna, enquanto a do Curupira passou a dialogar com discursos contemporâneos sobre preservação ambiental.

O resultado, portanto, não se explica apenas pela permanência dos personagens tradicionais. O que se observa é a construção de novos sentidos a partir do encontro entre a tradição e a experiência social dos estudantes. A leitura das lendas desencadeou respostas discursivas que preservaram

elementos do texto de partida, mas os reorganizaram de acordo com as preocupações reconhecidas pelos participantes.

O letramento literário como experiência formativa

A leitura literária no espaço escolar pode assumir diferentes contornos. Quando o trabalho com a literatura se limita à simples identificação de informações sobre autores, períodos estilísticos ou características formais de determinado gênero, reduz-se a possibilidade de que o estudante estabeleça uma relação efetiva e subjetiva com o texto. O letramento literário, por outro lado, envolve uma experiência de formação na qual o leitor participa ativamente da construção dos sentidos da obra.

Cosson (2021) compreende o letramento literário como um processo contínuo de apropriação da literatura enquanto construção social e pessoal de sentidos. Essa perspectiva desloca o ensino de literatura de uma prática centrada exclusivamente na transmissão de conteúdos informativos para uma prática que valoriza a resposta e a participação do leitor no ato de ler.

A experiência realizada nesta pesquisa aproxima-se dessa vertente na medida em que os estudantes não foram colocados diante das lendas apenas para identificar personagens ou reconhecer a estrutura dos acontecimentos. A leitura foi acompanhada de momentos de discussão, problematização e produção textual, nos quais os participantes tiveram a oportunidade de expressar suas interpretações e transformar o texto-fonte em novas narrativas articuladas ao seu próprio tempo e contexto.

Esse processo torna-se particularmente significativo quando se considera que as lendas trabalhadas pertencem ao repertório cultural amazônico dos sujeitos envolvidos. A proximidade entre o universo das narrativas e a vivência dos estudantes favoreceu a participação ativa e permitiu que elementos culturais conhecidos fossem retomados e ressignificados a partir de novas perspectivas éticas e sociais.

O letramento literário, nesse sentido, não significa retirar a literatura de sua dimensão estética para instrumentalizá-la unicamente em prol de debates sociais. Significa, sobretudo, possibilitar que

o texto literário seja efetivamente lido, interpretado e apropriado pelo estudante, permitindo que, a partir dessa vivência estética, novos sentidos sejam construídos. A formação do leitor exige, portanto, um trabalho pedagógico que não se encerre na recepção passiva da obra, mas que acolha e incite as respostas ativas do estudante diante do texto:

[...] é tão importante a leitura do texto literário quanto as respostas que construímos para ela. As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras. A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. (Cosson, 2009, p. 47).

Assim, ao promover práticas de sala de aula que contemplam o letramento literário como discurso e ação, oportuniza-se ao estudante compreender criticamente o funcionamento da literatura, posicionando-se não apenas como mero consumidor de obras, mas como sujeito ativo da linguagem e coautor dos sentidos que emergem da leitura.

Os resultados observados confirmam essa possibilidade porque a participação dos estudantes se materializou em respostas concretas às narrativas. A produção dos microcontos mostra que a experiência de leitura não se encerrou no reconhecimento dos elementos das lendas, mas se prolongou na escrita, na discussão e na circulação das novas narrativas.

A sequência didática como percurso de leitura e produção

A organização das atividades em formato de sequência didática contribuiu decisivamente para o desenvolvimento da experiência. O percurso realizado não colocou os estudantes diretamente diante da produção textual; antes da escrita, houve momentos dedicados à mobilização de conhecimentos prévios, leitura interativa, discussão e problematização das narrativas.

A proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) ampara essa organização, uma vez que a sequência didática permite articular atividades de maneira progressiva e articulada. Sobre a lógica

dessa estruturação, os autores explicam:

O movimento geral da sequência didática vai, portanto, do complexo para o simples: da produção inicial aos módulos, cada um trabalhando uma ou outra capacidade necessária ao domínio de um gênero. No fim, o movimento leva novamente ao complexo: a produção final. (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 103).

No caso desta pesquisa, a leitura das lendas, a discussão coletiva, a produção dos microcontos e a socialização dos textos constituíram etapas organicamente conectadas. A produção textual assumiu uma função central por permitir observar como os estudantes se apropriaram das discussões desenvolvidas. Os textos não apenas demonstraram a compreensão de aspectos das lendas, mas revelaram os sentidos atribuídos a elas ao longo da oficina.

O percurso também favoreceu a participação coletiva. Os debates e as atividades em grupo possibilitaram que os estudantes entrassem em contato com diferentes interpretações e reorganizassem suas próprias compreensões. Esse processo de aprendizagem conjunta dialoga com a perspectiva de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 102), segundo os quais a reflexão sobre o gênero se amplia mediante a “discussão, em classe [...] [e a] troca de textos escritos entre os alunos da classe”, espaço no qual as soluções de linguagem “são discutidas e avaliadas”.

A socialização final ampliou esse processo ao colocar as produções em circulação no ambiente escolar. Nesse sentido, os sentidos produzidos pelos estudantes não podem ser compreendidos isoladamente, mas na relação entre a narrativa tradicional, as experiências dos participantes e as situações discutidas durante a oficina.

Essa dinâmica também evidencia a função mediadora da sequência. A organização em etapas não foi apenas uma forma de distribuir tarefas, mas constituiu o percurso que tornou possível a passagem da leitura à produção. O contato progressivo com as narrativas, seguido da discussão e da problematização, criou condições para que os estudantes reelaborassem os textos de partida.

O imaginário como possibilidade de denúncia

Os resultados permitem retomar a ideia central que orienta esta pesquisa: o imaginário pode constituir uma forma de interpretar e problematizar a realidade. As produções dos estudantes demonstram que os elementos fantásticos das lendas não desapareceram ao serem relacionados a problemas sociais e ambientais; ao contrário, permaneceram como recursos simbólicos para a construção de novas narrativas.

No caso do Boto, a figura do personagem foi utilizada para tratar do abandono paterno e da responsabilidade familiar. No caso do Curupira, a personagem foi relacionada às queimadas e à responsabilidade humana pela preservação ambiental. Essa transformação encontra amparo nas reflexões de Antonio Candido sobre a função humanizadora da fabulação. Para o crítico, a literatura atua como uma superação do caos, pois a forma dada ao texto organiza a experiência humana e permite ao leitor nomear e reordenar seus próprios sentimentos internos; assim, “a forma permitiu que o conteúdo ganhasse maior significado e ambos juntos aumentaram a nossa capacidade de ver de sentir” (CANDIDO, 2011, p. 179). Ao reorganizar o caos psíquico e social por meio da arte, a literatura enriquece a percepção e amplia a visão de mundo daqueles que com ela se conectam.

Ao dar forma às suas preocupações cotidianas por meio do fantástico, os estudantes organizam sua visão de mundo e utilizam o texto literário como ferramenta de expressão e conscientização. Essa dinâmica é igualmente significativa para o ensino de literatura porque demonstra que trabalhar com textos da cultura amazônica não significa restringi-los ao estudo de sua origem ou características tradicionais. As narrativas continuam produzindo sentidos quando colocadas em diálogo com problemas do presente.

É importante, contudo, fazer uma distinção: não se afirma que as lendas do Boto e do Curupira tenham sido originalmente construídas para denunciar os problemas identificados pelos estudantes. A denúncia ocorre no processo de apropriação e reelaboração realizado durante a oficina. São os estudantes que, ao retomarem essas narrativas, atribuem a elas novos sentidos e as utilizam

para tensionar sua realidade.

Esse movimento de permanente recriação dialoga com a própria natureza da literatura oral teorizada por Luís da Câmara Cascudo. Para o folclorista, a sobrevivência das narrativas populares depende justamente da “adaptação às condições ambientais, fauna, flora, costumes, mentalidade”, de modo que a “lenta substituição de elementos pelos acessórios locais garante a compreensão que é a vida sucessiva” do texto (CASCUDO, 2012, p. 9). A inserção de pautas contemporâneas no universo lendário é, portanto, o mecanismo pelo qual a tradição se mantém viva e compreensível para os sujeitos do presente.

Nesse sentido, a premissa de um imaginário que denuncia sintetiza o movimento observado na pesquisa: o repertório amazônico foi mobilizado pelos estudantes como linguagem crítica para falar de questões sociais e ambientais contemporâneas, assegurando a continuidade e a renovação da própria tradição.

Os dados, portanto, não autorizam compreender a literatura apenas como instrumento de transmissão cultural nem apenas como ferramenta para debates sociais. A experiência indica que tradição, leitura, imaginação e crítica podem coexistir quando o estudante participa ativamente da construção de sentidos. O imaginário funciona, nesse caso, como espaço de elaboração simbólica no qual a experiência do leitor encontra a narrativa recebida da tradição.

Considerações finais

A realização desta pesquisa permitiu compreender que o trabalho com as lendas amazônicas no ensino de literatura pode ultrapassar a transmissão de narrativas pertencentes à tradição cultural. A experiência desenvolvida com estudantes do 9º ano demonstrou que, quando colocadas em contato com as experiências e questões presentes no cotidiano dos alunos, essas narrativas podem ser reinterpretadas e transformadas em novas formas de expressão e reflexão sobre a realidade.

A questão que orientou este estudo buscou compreender de que maneira uma sequência

didática baseada em lendas amazônicas poderia contribuir para que os estudantes ressignificassem essas narrativas e estabelecessem relações entre o imaginário amazônico e questões sociais e ambientais. A análise das atividades e das produções realizadas durante a oficina indica que a proposta possibilitou aos participantes realizar esse movimento.

As produções relacionadas à lenda do Boto demonstraram que os estudantes deslocaram o conflito tradicional da narrativa para questões relacionadas ao abandono paterno, à responsabilidade familiar e à pensão alimentícia. A figura do Boto permaneceu presente, mas adquiriu novas funções dentro das narrativas produzidas. Com a lenda do Curupira, ocorreu movimento semelhante. Os estudantes preservaram a característica do personagem como protetor da floresta, mas ampliaram esse sentido ao relacioná-lo às queimadas, ao desmatamento e à preservação ambiental. Em algumas produções, o personagem assumiu diretamente a função de combater os problemas ambientais; em outras, sua presença conduziu à compreensão de que a proteção da natureza também depende da ação humana.

Os resultados também evidenciam que a sequência didática contribuiu para organizar um percurso de leitura, discussão e produção. A escrita dos microcontos não ocorreu de maneira isolada, mas foi antecedida pela leitura das lendas, pela discussão de seus conflitos e pela problematização das relações entre as narrativas e o contexto dos estudantes. A experiência demonstra ainda a importância de reconhecer os estudantes como sujeitos ativos na construção dos sentidos literários. Eles não apenas reproduziram as histórias trabalhadas, mas retomaram seus personagens e conflitos para produzir novas narrativas.

Assim, a principal contribuição da pesquisa está na possibilidade de aproximar literatura amazônica, cultura local e experiência dos estudantes sem reduzir as lendas a instrumentos meramente didáticos para discutir temas sociais. As narrativas mantiveram sua dimensão ficcional e simbólica, mas foram ampliadas pelas interpretações e produções dos participantes. É necessário reconhecer, entretanto, que a pesquisa foi desenvolvida em uma experiência específica, com uma turma e em um contexto escolar determinado. Por essa razão, seus resultados não devem ser generalizados para todas

as situações de ensino. A experiência pode, contudo, oferecer possibilidades para novas práticas e pesquisas que investiguem o uso de narrativas amazônicas no ensino de literatura.

Por fim, o trabalho evidencia que ler literatura também pode significar estabelecer relações entre aquilo que a narrativa apresenta e aquilo que o leitor vive, observa e questiona. Ao ler, discutir, transformar e produzir novas histórias, os estudantes participaram de um processo de atualização da tradição. O imaginário, nesse movimento, deixou de ser compreendido apenas como espaço da fantasia e passou a constituir também uma possibilidade de interpretação e problematização da realidade.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (org.). Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994. p. 1-9.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011., p.169-191.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Literatura oral no Brasil. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.
- COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (org.). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura amazônica: uma poética do imaginário. 5. ed. Manaus: Valer, 2015.